

MICOS DEPENDEM DE CASAMENTOS CRUZADOS PARA SOBREVIVER

TEODORO SAMPAIO - O mico-leão-preto pode sobreviver em pequenas ilhas de mata, não é muito exigente na escolha de alimentos e tem resistido a doenças e alterações climáticas ou de habitat, até agora. Essas são as melhores garantias da espécie - cientificamente chamada de *Leontopithecus chrysopygus* - contra a extinção. Mas há um porém: para continuar com chances de sobreviver nos próximos cem anos, os micos precisam evitar casamentos consanguíneos.

A consanguinidade excessiva torna uma espécie mais suscetível a doenças e geneticamente muito homogênea. Caso surja um problema capaz de matar um indivíduo - mudanças de clima ou um novo parasita, por exemplo - é muito provável que toda a população daquela área também morra. No caso dos micos-leões-pretos selvagens, o nível de consanguinidade encontrado em análises de sangue tem se revelado muito alto. E tal consanguinidade tende a se agravar nos próximos anos porque todos os grupos conhecidos de micos selvagens estão confinados em ilhas de matas ainda preservadas do estado de São Paulo. As ilhas são pedaços da floresta atlântica continental, que escaparam ao desmatamento e hoje estão cercadas de culturas ou pastos, que os micos são incapazes de atravessar. Algumas dessas ilhas foram transformadas em reservas, como a Estação Ecológica de Caetitus, ao sul de Marília, mas a maioria se localiza dentro de propriedades particulares e depende da boa vontade dos proprietários para continuar em pé.

A maior das ilhas de floresta continental original é o Parque Estadual de Morro do Diabo, no Pontal do Paranapanema. Ali, os pesquisadores Cláudio Pádua e Laury Cullen Júnior, do Instituto de Projetos e Pesquisas Ecológicas, IPE, estimam que existem cerca de 600 a 700 micos. Mesmo assim, a consanguinidade entre eles é grande. Em pior situação estão os micos encontrados por Cullen nas matas de fazendas vizinhas ao parque. Em pelo menos três delas foi encontrado apenas um grupo. "A ilha de mata às vezes é muito pequena para garantir alimento e território para mais de um grupo. Ilhados, os micos da mesma família acabam se casando entre si e aumentando demais a consanguinidade", diz, exemplificando com um caso extremo: "Na mata da fazenda Ponte Branca encontramos apenas uma fêmea e um macho adulto, com dois filhotes machos. Ou seja, a sobrevivência desse grupo depende da única fêmea para continuar existindo. Se ela morrer, o grupo acabou".

Os pesquisadores do IPE - entidade ambientalista não governamental com sede em Piracicaba - vem estudando os micos-leões-pretos desde 1982. Para eles, é necessário e urgente um programa de translocação dos micos selvagens que assegure o cruzamento genético entre os grupos. Em outras palavras, os micos jovens deveriam ser levados para outras ilhas, para procurar jovens fêmeas que não fossem suas irmãs, mães ou primas diretas e constituir famílias geneticamente diversificadas.

Os pesquisadores querem ainda colocar em discussão uma proposta que promete ser polêmica: soltar micos-leões-pretos criados no Centro de Primatologia do Rio de Janeiro nas ilhas de matas capazes de suportar novos habitantes. Normalmente, animais criados em cativeiro só são soltos de volta nas matas quando alcançam uma população numerosa nos zoológicos e existe espaço nas matas ainda preservadas. "Os micos-leões-pretos ainda estão longe de alcançar um número seguro em cativeiro, mas existem matas capazes de recebê-los, porque então não fazer a tentativa?", pergunta Laury Cullen.

Enquanto discutem a vida conjugal dos micos, os pesquisadores estão fazendo o censo dos pequenos primatas em outras unidades de conservação estaduais, como Caetitus, e tem lutado para assegurar a preservação das matas habitadas por eles. "Temos contado com a boa vontade de alguns fazendeiros, mas no ano passado fomos obrigados a resgatar um grupo de micos de uma área incendiada e ameaçada de desmatamento", lamenta o pesquisador.

~~_____~~

~~_____~~